

Um Marcel Proust cientista: recepções de *À la recherche du temps perdu* entre a crítica literária e as neurociências

A scientific Marcel Proust: receptions of *À la recherche du temps perdu* between Literary Criticism and Neuroscience

Dhyan Ramayana Ramos Rodrigues¹

Doutorando em História Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
dhyran.ramos@gmail.com

Recebido: 05/08/2025

Aprovado: 18/12/2025

Resumo: Este artigo oferece um exame histórico de leituras que imputaram a Marcel Proust a etiqueta de cientista, explorando os modos pelos quais um escritor canonizado se torna referência em um campo que, frequentemente, se constrói em contraste — e por vezes em oposição — à literatura. Primeiro, investiga-se a recepção da obra na crítica literária das décadas de 1920 e 1930, que a leu como análise científica, objetiva e psicológica. Em seguida, expõe-se a apropriação da obra por neurocientistas na segunda metade do século XX, que acabaram por transformar Proust em um precursor do próprio campo. Por fim, explora-se a reação dos estudos literários mais recentes ao Proust das neurociências, destacando as tensões e acomodações entre as abordagens. Busca-se, com isso, investigar as camadas de sentido atribuídas ao autor e sua obra ao longo de sucessivas interpretações, em momentos e disciplinas distintas, que acabam por cristalizar versões concorrentes e frequentemente incomunicáveis do “proustiano”.

Palavras-chave: Marcel Proust; recepção; ciência.

Abstract: This article offers a historical examination of readings that have ascribed to Marcel Proust the label of scientist, exploring the ways in which a canonized writer becomes a reference in a field that often defines itself in contrast — and at times in opposition — to literature. It first investigates the reception of his work in literary criticism of the 1920s and 1930s, which interpreted it as scientific, objective, and as a psychological analysis. It then discusses the appropriation of his work by neuroscientists in the second half of the twentieth century, who ultimately turned Proust into a precursor of their own field. Finally, it explores how more recent literary studies have responded to the neuroscientific Proust, highlighting the tensions and accommodations between these approaches. The aim is to investigate the layers of meaning attributed to the author and his work across successive interpretations, in different moments and disciplines, which ultimately crystallize competing and often mutually unintelligible versions of the “Proustian”.

Keywords: Marcel Proust; reception; science.

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

Introdução

O escritor francês Marcel Proust (1871-1922) e sua obra *À la recherche du temps perdu*, publicada entre 1913 e 1927, ocupam um local de destaque no cânone literário ocidental e são frequentemente considerados como a mais alta realização do romance francês do século XX. Antoine Compagnon, por exemplo, defende que mais do que Rabelais, Rousseau ou Victor Hugo, é Proust quem se equipara a símbolos nacionais como Dante, Shakespeare, Cervantes ou Goethe: trata-se do “gigante da literatura francesa que, de certa forma, a absorve por inteiro” (COMPAGNON, 1997, p. 3836), um “paradigma do romance que não nos resta senão pastichar” (COMPAGNON, 1997 p. 3863)².

Porém, ao lado desse Proust “monumento da literatura universal” (BARTHES. 1984, p. 319), outros coexistem. Não se trata apenas de posições interpretativas internas aos estudos literários – sobre o peso de aspectos biográficos no romance, o alcance de sua inovação estilística ou sua filiação à tradição francesa – ou das várias concepções de proustiano que coabitam o mundo da crítica. Ao lado do autor que representa, em certa medida, a fundação da modernidade literária, consolidou-se a imagem de um Proust cientista, verificada no modo como sua obra passou a ser mobilizada por pesquisadores das neurociências enquanto uma antecipação intuitiva de descobertas cognitivas contemporâneas. Essa apropriação transformou o escritor em uma espécie de precursor do campo, deslocando-o de seu contexto literário e reinscrevendo sua obra em uma nova dimensão epistemológica e estética por meio de disputas de interpretação e reordenações entre ciência e literatura.

Propomos, dessa forma, uma análise da recepção que atribuiu a Marcel Proust a etiqueta de cientista partindo de sua recepção imediata, passando pela consagração contemporânea como neurocientista *avant la lettre*, até chegar na reação dos estudos literários a esse Proust científico. Nos inspiramos na proposta de história das tradições interpretativas formulada por Antoine Lilti, segundo a qual os textos do passado só chegam até nós “carregados pelas sucessivas camadas interpretativas, pelas múltiplas significações atribuídas pelas recepções diversas”, sendo imperativo ao historiador que lida com textos literários, sobretudo os canônicos, “considerar o conjunto de mediações históricas que permitiram a uma obra ou a um texto continuar a produzir efeitos no tempo, de estudar os processos que mantiveram tal texto vivo, integrando-o ao seio de uma tradição, construindo em torno dele comunidades interpretativas” (LILTI, 2018, p. 182). A partir dessa perspectiva, o artigo examina as

² Optamos por traduzir todas as citações de línguas estrangeiras. Os títulos dos livros e artigos foram mantidos no original. *À la recherche du temps perdu*, quando abreviada, será referida apenas como **Recherche**.

construções de sentido atribuída a Proust e sua obra por autores dos campos da literatura e da ciência e investiga como cristalizaram-se concepções divergentes do “proustiano”, num processo de especiação interpretativa que levou à formação de linhagens autônomas, coexistentes, mas muito pouco permeáveis entre si.

O romance científico de Marcel Proust: *À la recherche du temps perdu* em sua recepção imediata

“*Longtemps je me suis couché de bonne heure*” é a abertura do primeiro livro de *À la recherche du temps perdu* e título de uma famosa conferência de Roland Barthes, na qual é proposta uma leitura de Proust em contraste com determinado modelo de ciência. Nesse texto, Barthes atribui ao autor o papel de iniciador de uma “terceira via” da escrita, situada entre o ensaio e o romance, que o inspira na elaboração de seu próprio “romance a fazer”. Confrontando a generalidade da ciência, essa escrita lhe permite ouvir “o grito do que quer falar em si” (BARTHES, 1984, p. 320). Ainda que, ao final, Barthes reconheça em seu projeto uma forma de “ciência”, essa só se sustentaria se o termo fosse despojado de seu sentido ligado à objetividade e à generalização e fosse compreendido, ao contrário, como um tipo de saber enraizado na subjetividade e voltado à singularidade. Trata-se de um conhecimento que parte da experiência íntima e que, como sugere o crítico, se aproxima da *Scienza Nuova* de Vico, capaz de exprimir, a um só tempo, “a luz e o sofrimento do mundo” (BARTHES, 1984, p. 325).

Contudo, trata-se de uma visão distinta da que prevaleceu entre as décadas de 1910 e 1930, quando se imputava a Proust o rótulo de um cientista objetivo, em busca de leis gerais sobre a psicologia e as relações humanas. Douglas Alden, o primeiro pesquisador a sistematizar a recepção da *Recherche*, defendeu que até meados da década de 1920 predominava uma “interpretação classicista” do romance, descrito como “moralista”, “científico”, “objetivo” e “psicológico” (ALDEN, 1940, p. 42-44). Não apenas a recepção. O próprio Proust, em diversas ocasiões, insistiu que sua postura era a de um distante observador, necessária devido à qualidade científica do seu objeto (LUCKHURST, 2000 p. 140-141). Em carta a Louis de Robert, o qual aconselhava a eliminar o trecho de *Du côté de chez Swann* em que Mlle Vinteuil cospe no retrato do pai, o escritor responde: “*Amicus Plato sed magis amica veritas*. Não posso, em nome da amizade, [...] modificar o resultado de experimentos espirituais que sou obrigado a comunicar com a boa-fé de um químico realizando suas pesquisas” (PROUST, 1913 apud. LUCKHURST, 2000, p. 141).

Um embate entre os críticos literários Jean de Pierrefeu e Jacques Boulenger em torno da atribuição do *Prix Goncourt* a *À l'ombre des jeunes filles en fleurs* (1919), segundo romance da *Recherche*, ajuda a ilustrar como a etiqueta de “cientista” atribuída a Proust foi mobilizada — e contestada — durante sua recepção imediata.

Em 12 de dezembro de 1919, Jean de Pierrefeu publica, no *Journal des débats politiques et littéraires*, uma crítica ao júri do Goncourt. Nela, sustenta que Proust não apenas excedia a idade considerada adequada para o prêmio, como também carecia da qualidade literária exigida, em razão, sobretudo, de um foco excessivo em si mesmo, o que faria do autor um “escravo dessa penosa busca nas trevas de seu eu” (PIERREFEU, 1919, p. 1).

Uma semana após a crítica de Pierrefeu, Jacques Boulenger publica no *L'Opinion* uma defesa de Proust, ainda que marcada pela ambivalência. Classifica a *Recherche* como um “romance psicológico” desprovido de composição clara — característica que, segundo ele, comprometeria seu valor artístico. No entanto, atribui ao autor uma originalidade extrema, associada a um “ponto de vista científico”, o de um *savant*, diferente do estético, próprio dos escritores de imaginação (BOULENGER, 1921, p. 91). Com uma linguagem “neutra e cômoda”, desprovida de beleza formal, Proust se aproximaria de um psicólogo que cria sua própria matéria de análise. Para Boulenger, a *Recherche* vale menos por sua forma do que por seu compromisso com a verdade: uma obra que obedece “mais às regras da crítica científica do que às normas (aliás, secretas) da arte” (BOULENGER, 1921, p. 92). Ainda assim, essa atitude científica não impediria o autor de elaborar personagens vívidos e retratar a realidade concreta com força comparável à de Stendhal ou Molière (BOULENGER, 1921, p. 93).

O embate se inicia no segundo artigo de Pierrefeu, publicado em 3 de janeiro de 1920, quando o crítico reprova nominalmente o texto de Boulenger. Para ele, Proust não é um *homme de lettres*, já que sua obra carece de composição e se limita à exploração da própria vida. Sua originalidade residiria justamente no “refúgio na contemplação da subjetividade pura”. No entanto, essa abordagem subjetiva, segundo Pierrefeu, não contradiz a leitura científica feita por Boulenger — ao contrário, é aí que residiria o problema. Ao fundamentar sua obra em hipóteses da ciência moderna, instável e mutável, Proust abandonaria o ideal de universalidade próprio da arte. Para Pierrefeu, é um erro grave dos críticos tratar como clássico o que, na verdade, é sintoma do modernismo: ao tentar fazer ciência, Proust deixaria de fazer tanto arte quanto literatura.

Sr. Proust não fez nem um romance, nem um drama, nem qualquer coisa que se assemelhe a uma obra literária. Trata-se de uma espécie de investigação psicológica muito detalhada, muito informada, baseada nas últimas descobertas da psiquiatria moderna, pelo cuidado que ele tem de investigar, até nas modificações orgânicas do ser que são influenciadas por obscuras heranças, seus preconceitos ou o estado da atmosfera, os motivos dos atos e dos sentimentos. (PIERREFEU, 1920a, p. 3).

A forma de Boulenger defender Proust e a si próprio dessas críticas demonstra que é sobre o próprio conceito de ciência, psicologia e literatura que o debate gira em torno. Na réplica a Pierrefeu, ele acaba por concordar com a impossibilidade de união entre a ciência moderna e a literatura, mas acrescenta que ao relacionar Proust ao termo ele estava simplesmente indicando a sua perspicácia crítica e a potência de sua análise, mais preocupada em perseguir ao esgotamento a verdade do que com a estética, atitude que faria honra a um *savant*. Boulenger complementa, explicitando a diferença de uso que faz do termo em relação a Pierrefeu: “concluir daí que o Sr. Proust fez, consciente ou não, uma obra de *savant*, ou mesmo, quase isso, atribuir-lhe a religião hegeliana e renaniana da ciência, parece-me arriscado” (BOULENGER, 1921, p. 105). Afinal, poder-se-ia atribuir a escritores como Stendhal um ponto de visto científico mais do que estético, assim como ele o fez para Proust, pois este segue a mesma via dos “grandes escritores psicológicos de nossa literatura: Benjamin Constant, Stendhal, Saint-Beuve, Fromentin, etc.” (BOULENGER, 1921, p. 106).

Passado quase um ano, os críticos irão reiterar suas posições acerca da obra de Proust, agora no contexto do lançamento do terceiro livro da *Recherche*, *Le Côté de Guermantes*. Em novembro de 1920, Pierrefeu defende que Proust continua incapaz de compor, de proceder por meio artístico, o que significa saber escolher, combinar, criar a partir das impressões. O escritor permanece um escravo de suas próprias reminiscências. Ainda que “a engenhosidade de Marcel Proust e os recursos de seu vocabulário [sejam] tão grandes que não podemos deixar de sentir um vivo prazer por essas anotações mínimas”, estas não passariam de observações médicas, psicofisiológicas (PIERREFEU, 1920b, p. 2). Boulenger, no mês seguinte, retorna seu elogio, destacando a originalidade do autor e sua relação com Stendhal a partir de seu ponto de vista científico e psicológico (BOULENGER, 1921, p. 108). O crítico também aborda a questão da subjetividade, pautada na relação entre o ‘eu’ do livro e o do autor, elemento central na associação que Pierrefeu estabeleceu entre a obra e seu caráter científico. Boulenger explica que todos os grandes escritores, Rabelais, Montaigne, Racine, Hugo, escreveram a partir de suas memórias. Não é possível criar absolutamente, somente “se inventa relações”, que, tal como um caleidoscópio, podem ser combinadas de infinitas maneiras. Na verdade, o que Proust teria

conseguido, ao utilizar das suas memórias por meio de uma vasta imaginação, era uma “notável impressão de verossimilhança” que fez confundirem o “eu” do livro e do próprio autor (BOULENGER, 1921, p. 110-112).

O movimento interpretativo da *Recherche* que associa ciência, psicologia, objetividade e tradição clássica, da qual faz parte Boulenger, foi reforçada com a publicação do *Hommage à Marcel Proust*, em 1923, alguns meses após a morte do autor (ALDEN, 1940, p. 73). Em um texto nomeado *Sur la psychologie de Marcel Proust*, Edmond Jaloux defende que o trabalho do escritor sobre o inconsciente era mais profundo do que os de psicólogos de formação e que ainda seria cedo para ter a dimensão das descobertas psicológicas que ele teria alcançado em seu romance já que “jamais uma obra literária se aproximou tanto da ciência” (JALOUX, 1923, p. 159). Já Charles du Bos, em *Points de repère*, argumenta que a originalidade de Proust estava na sua “imparcialidade científica que talvez hoje constitua a única atitude possível para o artista que quer dar conta da humanidade contemporânea” (DU BOS, 1923, p. 170). Em *Attitude Scientifique de Proust*, André Maurois indica que o estilo do autor é científico tanto pelas alusões à física, química e biologia, abundantes em sua obra, quanto pela sua atitude de observador rigoroso, objetivo, indiferente e imparcial, comparável a um biólogo ou um médico, características que permitem a obra, ainda ficcional e artística, produzir o máximo de emoção estética (MAUROIS, 1923, p. 164-165).

Outro exemplo presente no *Hommage* foi o artigo *Marcel Proust et l'esprit positif* de Jacques Rivière, editor responsável por trazer a obra de Proust para a *Nouvelle Revue Française* e importante expoente desse tipo de interpretação. Em seu texto, Rivière explica a forma de análise psicológica empregada por Proust e a equipara ao método de Auguste Comte, caracterizado como “a base de toda descoberta fecunda, de todo grande avanço científico” (RIVIÈRE, 1923, p. 183). O editor reforça suas considerações sobre a cientificidade de Proust em *Quelques progrès dans l'étude du cœur humain (Freud et Proust)*, compilação de uma série de palestras feitas em 1924 e o primeiro estudo dedicado à relação entre Proust e a psicanálise freudiana. Para Rivière (1926, p. 29), a *Recherche* “é o resultado de um esforço de conhecimento objetivo”, capaz de se apropriar do objeto que deseja, trazê-lo para dentro de si e conseguir, ao mesmo tempo, ter uma atitude desprendida e tranquila que o torna equiparável para a psicologia ao que foram Kepler, Claude Bernard e Auguste Comte para suas respectivas áreas:

Toda a originalidade de Proust, e a fonte de todas as suas descobertas em psicologia, devem ser buscadas em um formidável apetite científico que sua própria força fez desviar para si mesmo. [...] Permaneço convencido de que estamos diante de um espírito da mesma estirpe que esses grandes cientistas, e que veio realizar na psicologia dos sentimentos uma revolução da mesma ordem e da mesma magnitude que as que eles realizaram na astronomia, na biologia ou na metodologia (RIVIÈRE, 1926, p. 51-52).

Como vimos, a polêmica entre Boulenger e Pierrefeu foi causada, entre outros fatores, por uma incongruência semântica no uso do termo “científico”. Convém lembrar, portanto, que não se deve atribuir automaticamente à “ciência”, tal como empregado pelos críticos, o sentido de um saber institucionalizado, baseado em métodos experimentais, verificabilidade empírica e formulação sistemática de leis: seu sentido ainda estava em disputa.³ Ainda assim, a citação de Rivière, ao comparar Proust às revoluções operadas por Kepler, Bernard e Comte, nos permite afirmar que parte desse uso já se orientava por um ideal mais contemporâneo de cientificidade. Isso não impediu, contudo, que o próprio Rivière advertisse contra uma extrapolação indevida dessa analogia ao sublinhar que não se deveria “esperar de Proust todo um sistema de leis baseadas na experimentação, que permitiriam, em última instância, a previsão matemática dos fenômenos psicológicos” (RIVIÈRE, 1926, p. 52).

Apesar de ter tentado atenuar o cientificismo de Proust, essa construção pela recepção de um “romancista-cientista-psicólogo”, epitomizada por Rivière, afetou o campo científico, gerando reações. É o caso de Charles Blondel, que escreveu o livro *La psychographie de Marcel Proust* em uma forte defesa da distinção entre a ciência e a literatura. Diferente dos críticos até agora mencionados, Blondel não era originário do mundo das letras, mas, sim, um médico, professor de cursos de psicologia na Universidade de Estrasburgo, de modo que a diferença de abordagem é explicitamente apontada ao afirmar que não se trata, em seu livro, de um trabalho de historiador da literatura ou de análise da arte de Proust, mas, sim, de seu pensamento, da “psicografia de sua estética” (BLONDEL, 1932, p. XVII).

Blondel se volta contra a leitura de Proust como psicólogo que teria tomado conta da crítica e defende que não se deve fazer uma associação direta entre o escritor e Freud, mesmo que seus trabalhos tenham zonas de encontro. Não caberia caracterizá-lo como discípulo, nem apontar uma

³ A mudança na forma de encarar a ciência ao longo do século XX é perceptível ao irmos no *Dictionnaire de l'Académie Française*. Na 8ª edição, lançada em 1935, *Science* significa apenas o “conhecimento exato de alguma coisa” (ACADÉMIE FRANÇAISE, 1935, p. 567). Já a 9ª edição, de 1992, além do sentido anterior, é acrescido o de “sistema de conhecimentos que incide sobre um objeto determinado, elaborado de forma metódica e que visa explicá-lo de maneira objetiva e racional, identificando suas leis e princípios” (ACADÉMIE FRANÇAISE, s.d., online).

influência, já que Proust nunca teria lido as obras do pai da psicanálise e que trata-se, sobretudo, de formas distintas de abordar a mente:

Freud opera como um especialista. Proust opera como um artista. Ciência e arte formam dois, e sua verdade não é do mesmo tipo [...]. Eu gosto que um Proust me revele sua visão da vida mental. [...] Mas essa forma de compreender não é a ciência. [...] Se no fim de Proust eu encontro Freud, eu paro e digo que não se deve misturar e confundir os gêneros. Proust não procede como um profissional da ciência. Ele é um pintor da alma, tão grande em seu gênero quanto Monet em seu. Seu aprofundamento, seu inconsciente, são técnicas e processos de expressão. É por isso que o título deste livro é *Psicografia*, não *Psicologia* de Proust: o que há de genial nele é o analista, o descritor, não o teórico cientista que felizmente ele não foi. (BLONDEL, 1932, p. 190-191).

O médico é claro: arte e ciência não devem ser confundidas. Seu incômodo nos põe diante das dinâmicas complexas que envolvem a autonomização desses campos e, mais especificamente, a transformação semântica operada nestes termos que, a partir do século XX, dificilmente serão usados para classificar o mesmo objeto.

Os apelos de Blondel, no entanto, ocorrem em um momento em que a crítica começava a abandonar progressivamente a leitura de Proust como um autor científico e classicista, em favor de uma interpretação que o aproximava cada vez mais das experiências estéticas do modernismo. Essa inflexão coincide com um declínio no entusiasmo inicial pela *Recherche*, motivado, em parte, pelas acusações de imoralidade associadas à obra — especialmente após a publicação de *Le Côté de Guermantes*, que aborda o tema da homossexualidade de maneira mais direta, e pela divulgação gradual das correspondências do autor, nas quais sua orientação sexual passa a ser questionada.

Nas palavras de Antoine Compagnon (1997, p. 3847), é irônico como alguém que defendia enfaticamente a dissociação entre obra e autor teve sua obra ocultada pela própria biografia. É o exemplo do forte ataque de Daniel Guérin à *Recherche* para o qual todos os personagens seriam o próprio autor, “essa pessoa doente aparecendo e reaparecendo em vários disfarces”. (1927, apud ALDEN, 1940, p. 116). Esse movimento de reação a Proust e sua obra a partir da questão da moralidade levou Douglas Alden a escrever que “a estrela de Proust está caindo [...] De maneira geral, Proust já não tem mais uma mensagem para a década de 1930” (ALDEN, 1940, p. 138). Para o pesquisador estadunidense, Proust se provou definitivamente um representante da literatura moderna,

e, em uma conclusão mordaz, escreve: “como último recurso, Proust sempre encontrará um lugar nas anedotas marginais da história literária” (ALDEN, 1940, p. 155).

Proust, o primeiro neurocientista

Sabemos que o diagnóstico de Alden não se cumpriu e a *Recherche* acabou por se tornar um cânone incontornável. Proust enquanto parte do modernismo, rompido de seus rótulos “classicista” e “cientista”, parece algo incontestado para os estudos literários, embora essa interpretação tenha começado a se consolidar apenas no final dos anos 1920. Como argumenta Paulo Haiduke:

aproximar a obra de Marcel Proust do modernismo literário atualmente é como reproduzir um juízo estabelecido e quase um lugar-comum. Porém, nem sempre foi assim, e se há muitos anos vem sendo tratado pela crítica e pela história literária como um dos grandes cânones modernistas do século XX, isso se deve em grande parte ao processo histórico pelo qual, desde 1913, a obra foi se acomodando na cultura e na sociedade, criando ali suas raízes e sentidos (HAIDUKE, 2014, p. 91).

No entanto, é possível identificar ressonâncias dessa forma de interpretar a *Recherche* enquanto um relato de viés científico, pautado na análise psicológica objetiva e dotado de pretensões de generalização, em um campo distante da literatura: as neurociências. Em 1962, George A. Miller, fundador do Center for Cognitive Studies e frequentemente considerado um dos fundadores da área, publicou *Psychology: the Science of Mental Life* com o objetivo de explicar o que é a psicologia e como ela se constituiu enquanto disciplina científica (MILLER, 1991, p. 11). Miller reconstrói a história da psicologia a partir dos avanços que teriam consolidado sua cientificidade desde *The Principles of Psychology*, de William James (1890), momento em que a noção de psicologia como ciência ainda aparecia como “uma expressão de esperança e entusiasmo” (MILLER, 1991, p. 16), até a posterior consolidação de métodos científicos, sobretudo experimentais, que teria possibilitado a expansão de pesquisas tanto qualitativas quanto quantitativas, bem como sua aplicação em domínios diversos, como o militar, o educacional e o publicitário (MILLER, 1991, p. 17–20). Assim, segundo Miller, “hoje, quando afirmamos que a psicologia é uma ciência, apoiamos essa afirmação em várias realizações impressionantes” (MILLER, 1991, p. 16).

Esse panorama histórico proposto pelo pesquisador nos é relevante pois explicita um discurso disciplinar no qual se credita à psicologia a superação de uma certa indefinição classicista, passando a ser valorizada por sua cientificidade, fundada na análise sistemática e na comprovação empírica dos

fenômenos estudados.⁴ Ainda assim, na mesma obra que visa expor a consolidação científica da psicologia, a *Recherche*, um romance, é citada na epígrafe do capítulo sobre memória, com a famosa passagem da *madeleine* de *Du côté de chez Swann*.⁵ Segundo Miller, além de não haver melhor exemplo de talento literário para descrever a memória, a cena também ilustra a diferença entre “uma abordagem artística e científica dos eventos mentais” visto que “o pequeno bolo de Proust desencadeou um acidente psicológico, tão único, pessoal, inesperado e inexplicado, que parecia a antítese completa de tudo o que aprendemos a chamar de científico” (MILLER, 1991, p. 180).

Percebem-se ressonâncias com a posição de Charles Blondel, na medida em que ambos propõem uma distinção clara entre a abordagem científica e a abordagem artística, ao mesmo tempo que ressaltam o valor de Proust para os estudiosos da mente humana, os quais não deveriam negligenciar os fenômenos descritos em sua obra. Contudo, se para Blondel a importância de Proust residia na capacidade de sua escrita pintar a vida mental, para George A. Miller a cena da *madeleine* — entendida como a descrição autobiográfica de um acontecimento — constitui a revelação de um fenômeno cerebral elusivo, ignorado pelos estudos psicológicos de então, mas considerado “tremendamente significativo” e passível de comprovação empírica (MILLER, 1991, p. 181). Com efeito, pesquisas como as de Wilder Penfield, neurocirurgião pioneiro nos estudos sobre estimulação elétrica do cérebro, indicavam que “aparentemente, é possível, sob condições apropriadas, vermos-nos participando simultaneamente de eventos passados e presentes”. A experiência é surpreendente porque a recriação do passado é real, completa e detalhada.” (MILLER, 1991, p. 182). A cena da *madeleine* não seria, então, uma descrição poética da experiência de um indivíduo com sua memória, mas um real funcionamento da mente humana capaz de ser explicado por meio da ciência:

Por mero acaso, Proust saboreou sua *madeleine* e, assim, reviveu um sistema de memórias há muito abandonado. Um impulso elétrico aconteceu de liberar um padrão de atividade neural antes inacessível. É como se a memória tivesse continuado a guardar um registro completo do passado, mas tivesse se isolado. Não foi tanto

⁴ Sobre a construção de uma ciência objetiva da mente por meio de procedimentos empíricos, que se torna central a partir do final do século XIX, cf. DASTON e GALISON, 2010, p. 262-265.

⁵ Este é o trecho citado: “Ela mandou buscar um daqueles bolinhos curtos e fofos chamados Pequenas Madalenas, que parecem ter sido moldados na valva estriada de uma concha de Santiago. E logo, maquinalmente, abatido pelo dia sombrio e pela perspectiva de um triste amanhã, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas, no mesmo instante em que a colherada misturada com farelos do bolo tocou meu palato, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Um prazer delicioso me invadira, isolado, sem a noção da sua causa” (PROUST, 2022, p. 71).

esquecida, mas deslocada, até que, por um acidente feliz, uma parte do sistema de memória foi trazida à consciência e o restante seguiu atrás (MILLER, 1991, p. 185).

A obra de Miller antecipa a tônica dos trabalhos que vão surgir a respeito de Proust no campo das neurociências: sua obra, sintetizada no trecho da *madeleine*, seria um relato autobiográfico importante por revelar o impacto do estímulo sensorial na recordação da memória involuntária, reação capaz de ser comprovada por meio de experimentos e que será denominada de “hipótese”, “efeito”, “fenômeno” ou mesmo “síndrome” proustiana. Essa tentativa de demonstrar que os relatos de Proust na *Recherche* correspondem ao funcionamento da mente humana ganhará ímpeto a partir da década de 1980, período que neurocientistas que estudavam a relação entre memória e odor passaram a se interessar pela obra. Quando Philippe Béguin e Jean Costermans fazem, em 1994, uma revisão bibliográfica dos experimentos conduzidos a respeito da memória olfativa, o escritor é inserido enquanto um nome pertencente ao mesmo campo:

O senso comum reconhece a dificuldade de denominar as sensações olfativas e aceita que poucas fragrâncias sejam memorizadas. Mas acredita-se que, quando memorizadas, elas possuem um grande poder evocativo, reacendendo de forma inesperada uma lembrança, por vezes muito tempo após a codificação inicial. Essa concepção recebeu o nome de ‘síndrome proustiana’ em referência à lembrança da ‘pequena *madeleine*’ que Marcel Proust (1913) descreveu. (BEGUIN e COSTERMANS, 1994, p. 115).

Trinta anos após a publicação do livro de George A. Miller, Proust e sua *madeleine* tornaram-se paradigmas das neurociências. A partir de sua transformação em hipótese científica, a chamada “hipótese proustiana” converteu-se em objeto fértil de pesquisas voltadas a comprovar ou mesmo refutar a ideia de que “os odores seriam indícios privilegiados, no sentido de que os fragmentos de memória evocadas por meio dos cheiros apresentariam uma carga emocional elevada e seriam particularmente vívidos” (BEGUIN; COSTERMANS, 1994, p. 116). Embora, ao longo das décadas de 1980 e 1990, diversos artigos já fizessem referência às observações de Proust e chegassem a apontá-las como inspiração para testes empíricos (SCHAB, 1990), foi a dupla Simon Chu e John Downes a primeira a vincular de modo explícito o nome do escritor a uma investigação experimental, ao propor o estudo do chamado “fenômeno proustiano” por meio de três pesquisas publicadas entre 2000 e 2002 (CHU; DOWNES, 2000a, 2000b, 2002). Nessas investigações dedicadas à relação entre odores e memória autobiográfica, a obra de Proust adquire um estatuto fundacional, funcionando como inspiração originária para a formulação das hipóteses experimentais.

Proust é a pessoa a quem a afirmação de que os odores são pistas particularmente poderosas e evocativas é mais frequentemente atribuída. Isso se baseia em uma única anedota literária, na qual o autor descreve como ele vividamente recuperou experiências da infância a partir do gosto de um bolo embebido em chá [...]. Que o gosto e o olfato estão intimamente ligados é algo bem conhecido, mas o que se tornou conhecido como o *Proust phenomenon* contém afirmações mais amplas — de que os odores são capazes de evocar espontaneamente memórias autobiográficas altamente vívidas, carregadas de afeto e muito antigas [...]. (CHU e DOWNES, 2000b, p. 44).

Ao buscar respaldo empírico para o chamado fenômeno proustiano, Chu e Downes visaram demonstrar que ele não se limita a uma licença artística ou especulação literária, mas corresponde a um fenômeno psicológico real e mensurável. A estratégia consistiu em traduzir as descrições do que foi vivido por Proust e está relatado na *Recherche* em hipóteses testáveis seguindo o vocabulário da psicologia cognitiva contemporânea. Com base nesse enquadramento teórico, os autores propuseram duas hipóteses principais. A primeira — “hipótese do valor diferencial de evocação” (*differential cue affordance value*) — sustenta que diferentes modalidades sensoriais variam em sua eficácia para acessar detalhes da memória autobiográfica, sendo os estímulos olfativos os mais potentes. A segunda — “hipótese do viés de codificação” (*differential encoding bias*) — sugere que odores não evocam mais em si mesmos, mas por estarem associados a episódios mais complexos, emocionais ou singulares. Nesse sentido, a apresentação de um estímulo olfativo tenderia a direcionar a lembrança justamente a esse tipo de experiência (CHU e DOWNES, 2000a p. 114-115).

Outra dupla que se dedicou a testar a chamada “hipótese proustiana” foi Rachel Herz e Jonathan Schooler. O estudo conduzido por esses autores é particularmente elucidativo para compreender os modos de operação de tais pesquisas. Logo na introdução do artigo, a obra de Marcel Proust é retomada como ponto de partida teórico: a célebre cena da *madeleine* serve de base para a formulação do “fenômeno proustiano”, definido como a capacidade singular dos odores de evocar memórias autobiográficas dotadas de maior carga emocional quando comparadas àquelas suscitadas por outros estímulos sensoriais. Os autores acrescentam que essa proposição já contaria com respaldo tanto descritivo quanto experimental, afirmando haver “apoio descritivo e baseado em laboratório para essa proposição” (HERZ; SCHOOLER, 2002, p. 22). Em seguida, passam a uma ampla revisão de literatura e descrevem o tipo de experimento realizado. Os participantes, sendo 25 homens e 20 mulheres, foram apresentados a cinco gatilhos de memória (*memory cues*): lápis de cor Crayola, loção bronzeadora Coppertone, massinha de modelar Play-Doh, pomada Vick VapoRub, e talco para bebês

Johnson & Johnson. Nessa etapa, os participantes foram expostos a estímulos distintos: a alguns foi apresentado apenas o odor, enquanto outros tiveram contato exclusivamente com a imagem do produto. Em seguida, os participantes são solicitados a recordar uma memória pessoal associada ao item. Ao final, eles avaliaram em notas entre 1 e 9 perguntas como “quão vívida é a sua memória para o evento que você descreveu?”, “quão emocional você se sente agora ao relembrar o evento que você descreveu?”, ou mesmo “ao pensar sobre o evento que você descreveu, em que grau você tem a sensação de ‘estar sendo transportado’ para o momento em que ele ocorreu?” (HERZ e SCHOOLER, 2002, p. 26).

Os resultados indicaram que os participantes expostos a estímulos olfativos apresentaram memórias mais vívidas e relataram, com maior frequência, a sensação de estarem sendo “transportados de volta ao passado” em comparação àqueles que receberam apenas estímulos visuais. Porém, mesmo que isso confirme o “fenômeno proustiano”, os pesquisadores indicam que é preciso ter cuidado, pois “embora os dados atuais apoiem a observação de Proust de que o olfato pode fazer as memórias parecerem reviver, os dados não confirmaram sua visão de que os odores também são únicos ao trazer de volta detalhes específicos e vívidos” (HERZ e SCHOOLER, 2002, p. 30).

Todos os pesquisadores citados pertencem ao ramo da neurociência dedicado à investigação da “memória autobiográfica”. Embora a leitura estritamente autobiográfica da *Recherche* contrarie os estudos literários, críticos e genéticos realizados nas últimas décadas, é ela que permite que o episódio da *madeleine* seja imediatamente considerada um objeto científico. Afinal, ao se tratar de uma autobiografia, o texto abordaria o que realmente aconteceu com o autor, pelo menos sob uma perspectiva fenomenológica. Dessa forma, a pesquisa seguiria o pressuposto do realismo científico, ainda presente em algumas áreas das “ciências duras”, como é o caso da neurociência produzida no mundo anglo-saxônico e aqui analisada. É necessário interpretar a escrita de Proust como uma descrição de uma experiência real para que ela possa ser transformada em evidência anedótica, passível de ser replicada em laboratório e confirmada ou não como uma verdade científica. Ou seja, não tratar a obra enquanto um romance ficcional é essencial para garantir o funcionamento do experimento — geralmente uma entrevista com indivíduos após a estimulação de seus sentidos.

À contrapelo dos estudos literários, as neurociências construíram um Proust próprio, não mais visto como um romancista, mas como um cientista; sua obra foi um lugar da formação de uma teoria

sobre o funcionamento da mente humana, capaz de, inclusive, estar mal fundada; o proustiano é uma hipótese, um efeito ou mesmo uma síndrome que indica a capacidade dos sentidos não-visuais, em particular o olfato, de restituir a memória involuntária, epitomizada pelo episódio da *madeleine*. Além de estar presente em dezenas de experimentos científicos que buscam testá-la empiricamente, Proust também figura em livros de referência como *The Oxford Handbook of Memory* (TULVING et al., 2000), *Stevens' Handbook of Experimental Psychology* (PASHLER, 2002), *Understanding Autobiographical Memory* (BERNSTEIN e RUBIN, 2012). O termo *Proust phenomenon* aparece até mesmo no *Dictionary of Psychology* da *American Psychological Association*, principal organização de psicólogos dos Estados Unidos e Canadá:

Proust phenomenon: a evocação súbita e involuntária de uma memória autobiográfica, incluindo uma variedade de expressões sensoriais e emocionais associadas. O termo é nomeado em homenagem ao escritor francês Marcel Proust (1871–1922), que descreveu, na primeira seção de seu romance em vários volumes, *À la recherche du temps perdu* [...], como a experiência de comer uma *madeleine* (um pequeno bolo em forma de concha) o transportou, pela memória, de volta à infância (VANDENBOS, 2015, p. 849).

Esse Proust não está restrito às fronteiras da neurociência e, nos últimos anos, passou a alcançar um público consideravelmente mais amplo. Em *Proust Was a Neuroscientist* (2007), Jonah Lehrer, polêmico divulgador científico, argumenta, com base nas pesquisas de Rachel Herz, que o escritor francês “intuiu alguns dos princípios mais básicos da neurociência moderna” e que, “ao dissecar nossas lembranças em moléculas e regiões do cérebro, os cientistas inadvertidamente ecoam um romancista francês recluso” (LEHRER, 2007, p. 76–77). O livro se tornou bestseller do *New York Times* e projetou Lehrer para os grandes veículos da mídia americana, como *The New Yorker*, *The Washington Post*, NPR, *Google Talks* e *Wired* (CARR, 2012).

Esse sucesso também é verificado na publicação de matérias em periódicos de grande circulação. O longo artigo de Boyd Gibbons sobre os cheiros, *The intimate sense of smell*, publicado na *National Geographic* em 1986, é introduzido com uma menção a Proust (GIBBONS, 1986, p. 326). A lógica de um Proust antecipador das descobertas da área de memória olfativa guia o artigo *Unpicking the link between smell and memories*, publicado na *Nature* por Roxanne Khamsi em 2022 (KHAMSI, 2022). Já em *A madelena de Proust, ou por que somos capazes de lembrar dos cheiros da infância*, publicada em 23 de abril de 2017, no *El País Brasil*, a “memória proustiana” é associada à criação de testes de memória

olfativa que poderiam ser eficazes para fazer um diagnóstico precoce de Alzheimer (JOHNSON e MOSS, 2017).

A formulação mais explícita dessa imagem de Proust como pioneiro da neurociência vem, no entanto, do interior do campo. Em artigo de 2024, *Proust and involuntary retrieval*, Pascale Gisquet-Verrier e David C. Riccio propõem uma revisão seletiva da literatura neurocientífica recente com o objetivo de evidenciar a capacidade de antecipação intelectual do escritor. Segundo argumentam, décadas após a publicação do romance, múltiplas investigações empíricas passaram a confirmar aspectos centrais de sua concepção da memória — especialmente a relação entre o olfato e a evocação involuntária de lembranças autobiográficas. Indo além, os autores sustentam que a obra de Proust segue impactando pesquisas contemporâneas, inclusive no campo da neurociência não-humana. O argumento culmina em uma conclusão de forte carga simbólica: não seria impróprio, afirmam, considerar Proust como o “primeiro neurocientista” (GISQUET-VERIER; RICCIO, 2024, p. 5).

A reação dos estudos literários

A cristalização da imagem de um Proust neurocientista gerou uma reação nos estudos literários — e não sem razão: os textos científicos que promovem essa leitura frequentemente ignoram ou desconsideram por completo os trabalhos de críticos literários e estudiosos do romance proustiano, como se o escritor jamais tivesse pertencido, de fato, ao campo da literatura. Um dos primeiros trabalhos a criticar essa apropriação foi *La Mémoire: Proust et les neurosciences* de Hervé-Pierre Lambert, publicado em 2009, logo após o sucesso do livro de Lehrer. O cronista e crítico de arte francês recorda que o tema da memória involuntária faz parte da tradição literária e científica de seu país, remontando aos textos de Chateaubriand, Nerval, Baudelaire, Ribot e Paulhan. Isto lhe permite afirmar que o recente interesse pelo tema é algo próprio das neurociências anglo-saxônicas, causado, mais especificamente, pela disputa entre o laboratório estadunidense comandado por Rachel Herz e o inglês, por Simon Chu e John J. Downes. Apesar de Herz ter sido a primeira a publicar estudos que associavam memória e odor, foi o laboratório inglês, como vimos, que teve a ideia de fazer um experimento no qual provava o “fenômeno proustiano”. Nesse contexto de concorrência entre grupos de pesquisa com temas idênticos, o uso de Proust serviu para atrair atenção aos estudos de Chu e Downes, estratégia logo imitada por Herz. Lambert aponta, então, que esse tipo de apropriação da figura do escritor ocorre como uma estratégia de promoção, em que ele é transformado em rótulo, uma marca que confere

prestígio aos laboratórios e amplia o impacto dos estudos em um tema que até então havia pouco apreço do público anglo-saxônico (LAMBERT, 2009).

Lambert também observa que a tentativa de traduzir o texto proustiano em hipóteses testáveis parte de uma formulação equivocada já em suas premissas. Ele destaca que o estímulo descrito por Proust não é exclusivamente olfativo, mas multissensorial. Ao procederem dessa forma, os neurocientistas acabam por reivindicar “uma espécie de direito de inventário sobre a teoria proustiana da memória olfativa” (LAMBERT, 2009, online), mesmo quando essa apropriação se baseia em uma leitura equivocada ou que ignora o que está efetivamente escrito no texto.

Ainda assim, Lambert conclui, essa insistência dos neurocientistas por tornar Proust um cientista não deve ser vista com estranhamento. Ao usá-lo com fins meramente comunicacionais, eles estariam, sem se darem conta, completando a obra de Proust, que descrevia sua literatura como uma busca pela verdade. Em suma:

O comportamento tradicional em relação à obra está relacionado à ideia de transformar o discurso proustiano em uma hipótese científica a ser avaliada, de submeter o texto a critérios de validade, a normas científicas. As proposições proustianas sobre a memória constituiriam uma conjectura científica a ser refutada ou confirmada pelos métodos científicos. No entanto, essa abordagem parece compatível com o próprio espírito da empreitada proustiana (LAMBERT, 2009, online).

Outro trabalho que questionou os neurocientistas foi *Architexts of Memory*, de Evelyne Ender. A autora concebe a literatura como um espaço privilegiado de experimentação para o estudo da memória humana. Parte, para isso, da recusa de uma oposição rígida entre verdade e ficção, entendendo-as antes como polos de um contínuo. Nesse quadro, as memórias não podem ser julgadas como simplesmente verdadeiras ou falsas, mas apenas como “mais” ou “menos” verdadeiras (ENDER, 2005, p. 12). Ainda que a narrativa proustiana seja uma ficção, seu efeito sobre o leitor é o de uma memória verdadeira, graças à capacidade do texto de produzir um efeito de realidade.

As memórias ficcionais não apenas parecem reais; elas são reais, desde que aceitemos que as representações literárias podem oferecer análogos convincentes para a lembrança ordinária. Como mestres da ilusão e supremos criadores de mundos imaginários, os escritores sem dúvida sabem mais sobre o funcionamento da memória do que a maioria de nós; como hábeis manipuladores de imagens, eles sabem criar um efeito de realidade e nos conduzir a um mundo fabulado de sua própria invenção (ENDER, 2005, p. 14).

Ender trata Proust como um teórico da memória, pois seu texto está profundamente ligado a uma investigação ao mesmo tempo científica e filosófica (ENDER, 2005, p. 22). A partir dessa

perspectiva, ela estabelece ressonâncias entre a concepção proustiana da memória e as abordagens de Marigold Linton, Antonio Damasio e Oliver Sacks.⁶ A memória em Proust, contudo, se distingue dos estudos mais tradicionais sobre o tema, pois é profundamente subjetiva, especificamente humana e difícil de ser estudada empiricamente (ENDER, 2005, p. 24). Justamente por isso ela depende de seu componente literário. Por mais sofisticados que sejam os instrumentos científicos, ainda não há nada que consiga, apesar da familiaridade da experiência, reproduzir a memória proustiana (ENDER, 2005, p. 25). Ender, então, defende que a capacidade do texto de Proust de produzir verdades por meio da ficção se deve ao fato de que nossa própria memória é, em grande medida, constituída ficcionalmente. Isso implica, portanto, que o motivo de Proust continuar sendo inspiração para a ciência moderna é exatamente por causa de sua constituição ficcional (ENDER, 2005, p. 23): “este exame da memória proustiana sugere que uma abordagem literária pode servir aos propósitos da ciência – não apesar de suas metáforas, mas justamente por causa delas” (ENDER, 2005, p. 45).

Seguindo a argumentação sociológica de Lambert, Edward Bizub ressalta como a *madeleine* se tornou uma marca disputada em uma “guerra aberta de legitimação” entre a psicanálise e as neurociências (BIZUB, 2014, p. 122). Proust, no entanto, não deve ser visto como um precursor de nenhum dos dois campos, pois, na verdade, estaria refletindo as teorias sobre a mente vigentes em seu tempo, em particular as de Paul Sollier, seu psicoterapeuta (BIZUB, 2014, p. 115). Aí residiria o problema da posição de Ender: ao interpretar a visão de Proust a partir de uma postura behaviorista e o classificar como iniciador dos trabalhos da neurociência, a pesquisadora ignoraria toda a relação do autor com as ideias psicológicas de seu contexto (BIZUB, 2014, P. 114). Por outro lado, Bizub também defende que Proust produziu verdades, mas por meio de uma “transvertebração médico-literária”, ou seja, na fundação de uma estética ficcional a partir dos achados científicos de sua época (BIZUB, 2014, p. 116). O título inicial da obra, *Les intermittences du coeur*, expressões como “a impressão viva” e a maneira que lida com a memória involuntária, se relacionam à linguagem e às ideias de Sollier – também compartilhadas pelo pai de Proust – acerca da cenestesia, ou seja, que o corpo é o verdadeiro guardião do inconsciente, de modo que a memória involuntária retorna em termos de revivescência e não de mera lembrança (BIZUB, 2014, p. 118). Portanto, as descrições feitas por Proust são verdadeiras por

⁶ Esse procedimento revela que o escopo das neurociências apresentado neste artigo não reflete toda a produção da área. No entanto, é importante notar que nenhum desses cientistas citados por Ender tomou Proust como objeto de estudo como o fizeram aqueles citados na parte anterior.

não se tratarem de “simples *topoi* literários ou de passagens puramente metafóricas, mas de verdadeiras descrições fisiológicas de valor científico” (BIZUB, 2014, p. 116).

Talvez o trabalho mais crítico à abordagem das neurociências venha de Patrick Bray. Para ele, essas pesquisas fazem uma leitura errada e redutora de Proust, perseguindo, no episódio da *madeleine*, somente os elementos necessários para atribuir uma hipótese a Proust e ignorando todas as evidências textuais que possam desafiá-la. Um exemplo é como não são analisados os outros momentos de restituição da memória que tratam da música e das artes plásticas.⁷ Para Bray, os neurocientistas tentam se apropriar do capital cultural do bolinho de Proust sem serem capazes de ler sua obra de maneira correta. O fato de que a maioria desses trabalhos somente mencionam o autor, a obra ou a *madeleine* no título e na introdução, às vezes na conclusão, abandonando-os completamente em prol da descrição de seus experimentos, comprovaria esse diagnóstico (BRAY, 2013, p. 46).

Esse modo de apropriação do texto literário levou Bray a se questionar acerca da possibilidade de interdisciplinaridade entre os estudos literários e a neurociência. A única convergência entre as duas seria o papel da *madeleine* enquanto signo da memória. No resto, postas em contato, uma só revelaria os limites e pontos-cegos da outra, em uma competição insanável. Para o professor de literatura, os neurocientistas deveriam afastar os olhos da *madeleine* e começar a se fazer perguntas mais úteis para a disciplina, por exemplo, “quanto a neurociência é um discurso (baseado em paradigmas linguísticos que determinam inconscientemente a interpretação dos dados quantificáveis)?” ou “o que restaria do romance de Proust se questionássemos a verdade de suas descobertas sobre a memória [...]?” (BRAY, 2013, p. 54).

O problema não estaria em atribuir a Proust uma possível teoria, dado que o próprio autor hesitou entre escrever um romance e um ensaio, criando uma obra que ocupa um lugar *sui generis* entre a ficção, a filosofia e a autobiografia (BRAY, 2013, p. 45). A questão, sim, é ignorar aquilo que constitui o traço distintivo de seu texto: sua composição literária. Bray, por exemplo, lembra que a *madeleine*,

⁷ Podemos afirmar, para contribuir com apenas um exemplo, que a sonata de Vinteuil funciona na economia do romance de forma análoga à *madeleine*, só que para o personagem de Swann e não para o narrador: “E antes que Swann houvesse tido tempo de compreender, e de se dizer: ‘É a pequena frase da sonata de Vinteuil, não a escutemos!’, todas as lembranças do tempo em que Odette estava caída por ele, e que conseguira até então manter invisíveis nas profundezas do seu ser, enganadas por aquele brusco raio do tempo do amor que julgaram estar de volta, tinham despertado, subido em revoada e cantavam perdidamente, sem compaixão para com seu infortúnio atual, os refrões esquecidos da felicidade” (PROUST, 2022, p. 349).

para Proust, não possui um significado em si mesma; deve ser entendida como uma criação ficcional (tendo sido, em versões anteriores, uma torrada e um biscoito), assim como o próprio personagem e a experiência narrada. Portanto, “embora qualquer ideia expressa no romance possa ou não ser cientificamente válida de forma independente, ela existe primeiramente na forma ambígua da linguagem literária, onde as palavras se referem tanto a objetos tangíveis [...], quanto são completamente inventadas” (BRAY, 2013, p. 45).

Os erros cometidos pelos neurocientistas, defende Bray, partem da sua incapacidade de fazer uma análise apropriada da própria narrativa da *Recherche*, ignorando, por exemplo, que no trecho da *madeleine* não houve uma memória espontânea resgatada pelo olfato, já que o narrador precisou de um trabalho criativo posterior para recuperar a memória perdida⁸ (BRAY, 2013, p. 47). A narração não seria sobre uma reação fisiológica do corpo, mas sobre um momento de revelação metafísica da verdade:

É somente então que ele percebe a verdade metafísica da madeleine: a experiência do tempo em si, tal como existe fora da cronologia, é uma força transformadora que, ainda assim, deixa algo eterno, um indício de imortalidade. Mas essa verdade extratemporal precisa ser expressa e traduzida pela arte, especificamente pela literatura. A metáfora literária captura a essência revelada pelo tempo em um processo semelhante, segundo o narrador, à lei causal na ciência. Aqueles que leem apenas as primeiras dezenas de páginas para chegar à madeleine falham em compreender seu significado estético e filosófico (BRAY, 2013, p. 44).

Bray, no entanto, não nega o valor que a obra pode oferecer à ciência. Amparado nos trabalhos de Evelyne Ender, ele sustenta que a literatura funciona como um verdadeiro laboratório da memória, precisamente por operar com elementos ficcionais e estéticos. A relevância de Proust para a ciência residiria, assim, na forma literária de seu texto, dimensão que tende a ser negligenciada pelas neurociências, excessivamente voltadas para a reprodução empírica de processos que são, em larga medida, construtos estéticos. A potência da *Recherche* estaria exatamente no fato de que suas metáforas literárias excedem aquilo que pode ser reproduzido em laboratório. Em outras palavras, apenas uma

⁸ “É tempo de parar, a virtude da bebida parece diminuir. É evidente que a verdade que procuro não está nela, mas em mim. Ela a despertou, mas não a conhece, e só pode repetir indefinidamente, cada vez com menos força, esse mesmo testemunho que não sei interpretar e o qual quero ao menos lhe pedir de novo e reencontrar intacto logo em seguida, à minha disposição, para uma iluminação decisiva. Pouso a xícara e me volto para meu espírito. Cabe a ele encontrar a verdade” (PROUST, 2022, p. 72).

análise aprofundada do texto proustiano permitiria apreender plenamente a potencialidade de sua obra e, em certo sentido, “refazer” o nosso cérebro (BRAY, 2013, p. 49–50).

Considerações finais

A trajetória de Marcel Proust nas neurociências, marcada por sua progressiva conversão em hipótese ou fenômeno, revela um processo de deslocamento epistêmico que não se limita a uma simples circulação entre campos. Ao ser transformado em referência paradigmática para os estudos sobre memória, o autor de *À la recherche du temps perdu* deixou de operar como romancista modernista e passou a ser tratado como uma espécie de neurocientista *avant la lettre*, um autor cuja obra, lida como autobiográfica e despojada de sua dimensão literária, seria capaz de antecipar descobertas confirmadas décadas depois por experimentos laboratoriais.

Nesse sentido, Patrick Bray parece ter razão ao afirmar sobre a impossibilidade de interdisciplinaridade, se a pensarmos como um cruzamento simbiótico entre duas disciplinas onde ambas podem se beneficiar da proximidade estabelecida. Estamos diante de um processo de predação: o “proustiano” cristalizado pelas neurociências ocorreu mediante o apagamento das camadas interpretativas acumuladas pela crítica literária. Todavia, também se poderia dizer o mesmo de um certo tipo de “Proust literário”: para Barthes, Ender, e o próprio Bray, a potencialidade da *Recherche* se dá justamente pela força estética produzida por sua composição, que escapa à lógica da cientificidade baseada na objetividade e na formulação de leis gerais.

Assistimos, assim, a um processo de especiação interpretativa, no qual um Proust das neurociências e um Proust dos estudos literários – pois existem inúmeros – , embora coexistam no mesmo presente, evoluíram por trilhas autônomas, tornando-se espécies quase incomunicáveis que hoje competem pelos capitais simbólicos que o autor lhes pode conferir.⁹ Não se pretende, com isso, afirmar que o Proust da recepção imediata seria um ancestral comum, articulando harmonicamente o literário e o científico. O que se verifica, na verdade, é a consolidação por parte dos estudos literários de uma leitura modernista que dissocia Proust de sua antiga filiação científica, silenciando um elemento

⁹ Rachel Herz, por exemplo, recebeu bolsa de pesquisa da Kao Corporation, indústria de produtos químicos e cosméticos, para pesquisar sobre o desenvolvimento e a eficácia de “produtos proustianos” (SUGYAMA et al., 2015).

central de sua recepção inicial, enquanto, por outro lado, as neurociências desconsideram por completo tanto os debates oriundos de fora de seu próprio campo quanto a leitura atenta da própria obra.

Ainda assim, investigar a recepção imediata, contrastando-a com tradições interpretativas mais consolidadas no presente, faz-nos deparar com um momento em que os campos ainda estavam em processo de definição. Isso nos obriga a repensar os modos como tratamos categorias que hoje nos parecem evidentes, como “literatura” e “ciência”. A recepção imediata mostra que, para um exame histórico dessas relações, é “imprescindível assumir que a primeira forma de abordar uma disciplina não é definindo-a, mas buscando inventariar os sentidos que os rótulos disciplinares puderam assumir” (BENTHIEN, 2020, p. 14-15). Trata-se, portanto, de evitar que cientificidade e literalidade sejam tomadas como categorias *a priori*, optando por analisá-las a partir dos contextos históricos em que foram construídas.

Partindo dessa comparação entre modos distintos de interpretação — separados tanto pelo tempo quanto pelo contexto disciplinar —, o que este artigo permite observar é que as disputas em torno da figura de Proust evidenciam como os textos, especialmente aquelas que alcançam o estatuto de cânone, atravessam o tempo formando cristais interpretativos cada vez mais complexos

enriquecidos por numerosos textos, comentários, respostas, pastiches, refutações, que se ligam a eles, que os reatualizam, acrescem a eles um peso suplementar e os mantêm ativos, tornando extremamente difícil a divisão entre o hipotético texto original, em sua forma e em seu contexto de origem, objeto de uma busca filológica por excelência, e as múltiplas significações que o tempo relacionou a ele e que estão inscritas no horizonte cultural e intelectual do historiador que o apreendeu (LILTI, 2018, p. 183).

Portanto, ainda que concordemos com Bray quanto aos limites da leitura proposta pelos neurocientistas — marcados por uma abordagem teleológica e por negligência em relação ao próprio texto da *Recherche* —, é preciso evitar tratá-los ingenuamente, como se estivessem simplesmente equivocados ou deslocados em relação a uma suposta interpretação mais fiel ao original. É preciso, antes, estar atento a como que disposições disciplinares determinam o seu modo de lidar com os objetos literários. É o caso da inculcação de uma leitura estritamente autobiográfica para a aderência ao paradigma do realismo científico.¹⁰ O campo literário não está imune a suas próprias inculcações

¹⁰ Talvez, se, visto como romance ficcional, os neurocientistas, não tornariam *La recherche* seu objeto. A síndrome de Stendhal, outro autor que sofreu um processo de apropriação pelas neurociências, foi intitulada com base nos diários pessoais do autor, e não de seus romances (cf. GUERRERO et. al., 2010).

epistêmicas. Basta lembrar que, para a crítica da década de 1920, assinalar que a obra não era mero relato de memórias, mas o resultado “do engate da vida em motor reserva da ficção” (MAUROIS, 1923, p. 165), era condição para afirmar seu valor literário: foram justamente os opositores de Proust que exploraram o argumento contrário, insistindo no conteúdo meramente autobiográfico do texto como forma de desqualificá-lo esteticamente.

Apesar dos esforços de Blondel, na década de 1930, e de Bray, quase cem anos depois, Proust foi e continua sendo lido como um cientista. O progressivo desuso do termo no vocabulário da crítica literária para classificar a obra evidencia não apenas a consolidação de um tipo de interpretação, mas também a de um sentido específico de se pensar a ciência. Enquanto isso, o escritor assumiu uma posição canônica no campo das neurociências, chegando a lhe ser atribuída o papel de precursor. A popularidade que Proust conheceu a partir da segunda metade do século XX, e que ainda se mantém, talvez se deva a essa particular capacidade de sua obra ser recebida enquanto ficção que revela uma verdade por meio de sua composição romanesca e, paralelamente, ser lida como relato autobiográfico de um visionário neurocientista que descobriu verdades que hoje inspiram pesquisas sobre a cura do Alzheimer.

Referências bibliográficas

- ACADÉMIE FRANÇAISE. Science. In: **Dictionnaire de l'Académie française**. 8e éd. t. 2, Paris: Imprimerie nationale, 1935.
- ACADÉMIE FRANÇAISE. Science. In: **Dictionnaire de l'Académie française**, 9^e éd. Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9S0812>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- ALDEN, Douglas W. **Marcel Proust and his French Critics**. New York: Russel & Russel, 1940.
- BARTHES, Roland. “Longtemps je me suis couché de bonne heure”. In: **Le bruissement de la langue**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.
- BEGUIN, Philippe; COSTERMANS, Jean. Le traitement de l'information olfactive. **L'année psychologique**, v. 94, n. 1, p. 99–121, 1994.
- BENTHIEN, Rafael Faraco. Por uma história cruzada das disciplinas: ponderações de ordens prática e epistemológica. **Revista de História**, n. 179, p. 1–26, 17 Set 2020.

BERNTSEN, Dorthé; RUBIN, David C. (eds.). **Understanding autobiographical memory: theories and approaches**. New York: Cambridge University Press, 2012.

BIZUB, Edward. Proust précurseur: la madeleine entre psychanalyse et neurosciences. **Marcel Proust Aujourd'hui**, v. 11, p. 111–124, 2014.

BLONDEL, Charles. **La psychographie de Marcel Proust**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1932.

BOULANGER, Jacques. **Mais l'art est difficile**. 3. ed. Paris: Plon, 1921.

BRAY, Patrick M. Forgetting the Madeleine: Proust and the Neurosciences. In: STILES, Anne; FINGER, Stanley; BOLLER, François (ed.). **Progress in Brain Research**. Amsterdam: Elsevier, v. 205, p. 41–53, 2013.

CARR, David. Journalists dancing on the edge of truth. **The New York Times** [online], 19 ago. 2012. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/08/20/business/media/journalists-plagiarism-jonah-lehrer-fareed-zakaria.html>. Acesso em: 27 de jul. 2025.

CHU, Simon; DOWNES, John J. Odour-evoked autobiographical memories: Psychological investigations of Proustian phenomena. **Chemical Senses**, v. 25, n. 1, p. 111–116, 1 fev. 2000a.

CHU, Simon; DOWNES, John Joseph. Long live Proust: the odour-cued autobiographical memory bump. **Cognition**, v. 75, n. 2, p. B41–B50, Mai 2000b.

CHU, Simon; DOWNES, John J. Proust nose best: Odors are better cues of autobiographical memory. **Memory & Cognition**, v. 30, n. 4, p. 511–518, Jun 2002.

COMPAIGNON, Antoine. **La “Recherche du temps perdu” de Marcel Proust**. In: NORA, Pierre (dir.). **Les Lieux de mémoire**, Tome III. Ed. Gallimard, 1997.

DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. **Objectivity**. New York: Zone Books, 2007.

DU BOS, Charles. Pointes de repère. **La Nouvelle Revue Française**, Paris: Éditions Gallimard, n. 112, p. 166-172, 1 jan. 1923.

ENDER, Evelyne. **Architexts of memory: literature, science, and autobiography**. Ann Arbor, Mich: Univ. of Michigan Press, 2005.

GISQUET-VERRIER, Pascale; RICCIO, David C. Proust and involuntary retrieval. **Frontiers in Psychology**, v. 15, p. 1-5, 13 Feb 2024.

GIBBONS, Boyd. The intimate sense of smell. **National Geographic**, Washington, v. 170, n. 3, p. 324–361, set. 1986.

GUERRERO, A. L.; BARCELÓ ROSSELLÓ, A.; EZPELETA, D. Stendhal syndrome: Origin, characteristics and presentation in a group of neurologists. **Neurología (English Edition)**, v. 25, n.

6, p. 349-356, 2010. DOI: 10.1016/S2173-5808(10)70066-3. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2173580810700663>. Acesso em: 31 jan. 2025.

HAIDUKE, Paulo R. A. Como Proust foi moderno: entre debates literários e conflitos culturais. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 7, n. 16, p. 90–106, 2014. DOI: 10.15848/hh.v0i16.729. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/729>. Acesso em: 31 jan. 2025.

HERZ, Rachel S.; SCHOOLER, Jonathan W. A naturalistic study of autobiographical memories evoked by olfactory and visual cues: Testing the Proustian hypothesis. **The American Journal of Psychology**, v. 115, n. 1, p. 21, 2002.

JALOUX, Edmond. Sur la psychologie de Marcel Proust. **La Nouvelle Revue Française**, Paris: Éditions Gallimard, n. 112, p. 151–161, 1 jan. 1923.

JOHNSON, Andrew; MOSS, Andrew. A madalena de Proust, ou por que somos capazes de lembrar dos cheiros da infância? **El País Brasil**, 12 abr. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/12/ciencia/1492013791_451324.html. Acesso em: 31 jan. 2025.

KHAMSI, Roxanne. Unpicking the link between smell and memories. **Nature**, v. 606, n. S2-S4, jun. 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-022-01626-x>. Acesso em: 7 mar. 2025.

LAMBERT, Hervé-Pierre. La Mémoire: Proust et les neurosciences. **Épistémocritique**, v. 4, inverno 2009. Disponível em: <http://www.epistemocritique.org>. Acesso em: 31 jan. 2025.

LILTI, Antoine. Seria Rabelais nosso contemporâneo? História Intelectual e hermenêutica crítica. In: SALOMON, Marlon (Org.). **Heterocronias**: Estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos. Goiânia: Edições Ricochete, pp. 167-190, 2018.

LEHRER, Jonah. **Proust Was a Neuroscientist**. Boston: Houghton Mifflin Company, 2007.

LUCKHURST, Nicola. **Science and Structure in Proust's *A la recherche du temps perdu***. Oxford : Clarendon Press, 2000.

MACE, John H. Involuntary autobiographical memories are highly dependent on abstract cuing: The Proustian view is incorrect. **Applied Cognitive Psychology**, v. 18, n. 7, p. 893–899, nov. 2004.

MILLER, George A. **Psychology: The Science of Mental Health**. London: Penguin Books, 1991. MAUROIS, André. Attitude scientifique de Proust. **La Nouvelle Revue Française**, Paris: Éditions Gallimard, n. 112, p. 162–165, 20 jan. 1923.

PASHLER, Hal (ed.). **Stevens' handbook of experimental psychology**. 3. ed. New York: John Wiley & Sons, 2002.

PIERREFEU, Jean de. Le prix Goncourt. **Journal des débats**, 12 dez. 1919.

PIERREFEU, Jean de. Le cas de M. Proust. **Journal des débats**, 2 jan. 1920a.

PIERREFEU, Jean de. Le Côté de Guermantes. **Journal des débats**, 24 nov. 1920b.

PROUST, Marcel. **Para o lado de Swann**. Trad. Mário Sérgio Conti. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RIVIÈRE, Jacques. Marcel Proust et la tradition classique. **La Nouvelle Revue Française**, 1 fev. 1920, n. 77, p. 291-296.

RIVIÈRE, Jacques. Marcel Proust et l'esprit positif. **La Nouvelle Revue Française**, Paris: Éditions Gallimard, n. 112, p. 179–187, 1 jan. 1923.

RIVIÈRE, Jacques. Quelques progrès dans l'étude du cœur humain (Freud et Proust). **Les Cahiers d'Occident**, Paris: Librairie de France, 1926.

SCHAB, Frank R. Odors and the Remembrance of Things Past. **Journal of Experimental Psychology : Learning, Memory and Cognition**, vol. 16, n. 14, p. 648-655, 1990.

SUGIYAMA, H.; OSHIDA, A.; THUENEMAN, P.; et al. Proustian products are preferred: the relationship between odor-evoked memory and product evaluation. **Chemosensory Perception**, vol. 8, p. 1–10, 2015.

TULVING, Endel; CRAIK, Fergus I. M. (ed.). **The Oxford handbook of memory**. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2000.

VANDENBOS, Gary R. (ed.). **APA dictionary of psychology**. 2. ed. Washington, DC: American Psychological Association, 2015.